

O APRENDER CRIANÇA NA TERRA DO NUNCA



O APRENDER CRIANÇA NA TERRA DO NUNCA

MARCOS LEAL

2026

Capítulo 1 — Quando o Congresso Caiu do Céu

Naquela manhã, a Terra do Nunca amanheceu diferente.

O sol não nasceu devagar, como costumava fazer nas ilhas comuns. Ele saltou por trás das nuvens como uma criança atrasada para brincar. As árvores espreguiçaram seus galhos, as flores abriram os olhos coloridos, e o vento correu pelas clareiras levando uma notícia importante:

— Hoje haverá congresso!

Não era um congresso qualquer. Chamava-se **Aprender Criança**, e falaria sobre algo que todos ali viviam, mas quase ninguém sabia explicar: o desenvolvimento neuropsicológico infantil.

No alto de uma colina verde, entre cogumelos, raízes e pequenos vaga-lumes ainda sonolentos, apareceu um grande auditório feito de folhas, conchas, cipós e pedaços de estrelas. As cadeiras eram troncos macios. A mesa principal era uma pedra azulada, polida pelo tempo. No lugar de microfones, havia flores que amplificavam a voz de quem falasse com carinho.

Crianças chegaram correndo de todos os lados. Algumas vinham descalças. Outras carregavam espadas de madeira. Algumas usavam chapéus tortos. Outras traziam mapas que não levavam a lugar nenhum.

Peter Pan apareceu por último, como se o céu tivesse acabado de soltá-lo.

— Um congresso? — perguntou ele, pousando no galho mais alto. — Parece coisa de adulto.

Wendy, que vinha logo atrás, ajeitou o vestido, olhou em volta e sorriu.

— Talvez seja coisa de adulto tentando entender as crianças.

Peter fez careta.

— Então vão errar bastante.

As Crianças Perdidas riram. O riso delas era uma mistura de alegria, defesa e pedido de atenção. Riam como quem dizia: “Estamos aqui, não nos esqueçam.”

A primeira conferencista do Aprender Criança era a doutora Aurora Memória, uma médica de fala doce e olhos curiosos. Ela não usava jaleco branco. Usava um manto bordado com pequenos desenhos de neurônios, sinapses, brinquedos e luas.

— Bem-vindos — disse ela. — Este congresso não veio diagnosticar a fantasia. Veio escutá-la.

As crianças se entreolharam.

— Aqui não perguntaremos apenas “o que a criança tem?” — continuou a doutora.

— Perguntaremos: “o que a criança viveu?”, “do que ela precisa?”, “como ela aprende?”, “como ela ama?”, “como ela sofre?” e “como ela brinca para continuar existindo?”

Peter cruzou os braços.

— Eu não sofro.

Wendy olhou para ele com delicadeza.

— Às vezes, quem voa muito alto está tentando não sentir o peso de alguma coisa.

Peter fingiu não ouvir.

O congresso começou com uma grande imagem projetada no céu: um cérebro infantil desenhado por constelações. Cada estrela brilhava como uma função em desenvolvimento: linguagem, memória, atenção, emoção, vínculo, imaginação, movimento, autocontrole.

A doutora Aurora apontou para as estrelas.

— A infância não é uma versão pequena da vida adulta. É um território próprio. Um continente em construção. No cérebro da criança, as estradas ainda estão sendo abertas. Algumas são trilhas rápidas; outras precisam de tempo, repetição, afeto e segurança.

Nesse momento, o vento virou as páginas invisíveis do congresso. As crianças da Terra do Nunca não seriam examinadas em silêncio, como objetos numa prateleira. Elas seriam compreendidas dentro de suas histórias.

Peter seria observado como o menino que não queria crescer.

Wendy, como a criança que cuidava cedo demais.

As Crianças Perdidas, como um grupo de pequenos navegantes do abandono, do pertencimento e da brincadeira.

E o Capitão Gancho, que espiava ao longe com sua expressão amarga, seria analisado como o adulto que talvez nunca tivesse conseguido reconciliar-se com a própria infância.

Lá embaixo, escondido atrás de uma pedra, Gancho resmungou:

— Absurdo. Não preciso de congresso. Preciso de ordem.

Mas, mesmo sem querer, ele ficou.

Porque todo adulto ferido reconhece, ainda que negue, quando alguém começa a falar da criança que ele foi.

Capítulo 2 — O Mapa do Cérebro Encantado

No segundo dia do congresso, a Terra do Nunca ganhou um mapa.

Não era um mapa de rios, montanhas ou cavernas. Era um mapa do desenvolvimento infantil. A doutora Aurora o desenhou na areia usando uma pena de pássaro e um pó dourado que parecia feito de pensamentos.

— Este é o cérebro em desenvolvimento — explicou. — Não nasce pronto. Ele amadurece em camadas, como uma floresta que cresce por dentro.

As Crianças Perdidas se sentaram em roda. Peter permaneceu em pé, como se sentar fosse concordar. Wendy ouviu com atenção. Ela tinha esse costume: escutava como quem costurava sentido.

No centro do mapa, Aurora desenhou uma pequena fogueira.

— Aqui ficam as emoções. Medo, alegria, raiva, tristeza, surpresa. São rápidas, intensas e importantes.

Depois desenhou trilhas ao redor.

— Aqui estão a atenção, a memória, a linguagem, o planejamento, o controle dos impulsos. Chamamos muitas dessas habilidades de **funções executivas**. Elas ajudam a criança a esperar, escolher, organizar, tolerar frustração e pensar antes de agir.

Peter levantou a mão.

— Pensar antes de agir estraga a aventura.

— Às vezes salva a aventura — respondeu Wendy.

A doutora sorriu.

— Peter tem razão em parte. A infância precisa de impulsividade criativa. Mas Wendy também tem razão. Crescer é aprender que o desejo não precisa desaparecer, apenas pode ganhar direção.

As Crianças Perdidas cochicharam. Para elas, direção era uma palavra estranha. Viviam num lugar onde ninguém perguntava horários, tarefas ou responsabilidades. No entanto, todas sabiam que, quando a noite chegava, algo apertava o peito. Era a falta de uma voz adulta previsível. A falta de uma rotina que dissesse: “Agora é hora de dormir, e você está seguro.”

Aurora então explicou que o desenvolvimento neuropsicológico depende de três grandes forças: biologia, ambiente e vínculo.

— Biologia é a semente. Ambiente é o solo. Vínculo é a água.

Um menino pequeno perguntou:

— E a imaginação?

— A imaginação é o sol — respondeu a doutora.

Peter gostou dessa parte.

A conferência prosseguiu. Falou-se sobre o brincar simbólico, esse laboratório secreto da infância, onde a criança ensaia medos, desejos, papéis e soluções. Uma espada de madeira pode ser defesa. Uma cabana pode ser casa. Uma história inventada pode ser tentativa de organizar aquilo que ainda não se consegue dizer.

Wendy olhou para as Crianças Perdidas e percebeu algo importante: cada brincadeira delas tinha uma mensagem. Quando fingiam lutar, talvez estivessem treinando coragem. Quando pediam histórias antes de dormir, talvez estivessem pedindo pertencimento. Quando chamavam Wendy de mãe, talvez não estivessem apenas brincando de família, mas tentando reparar uma ausência.

Peter, por outro lado, parecia fugir sempre que a conversa se aproximava da palavra “perda”.

— Próximo assunto! — gritou ele. — Vamos falar de voo!

A doutora Aurora aceitou.

— Voar, nesta Terra, é também uma metáfora. Representa liberdade, imaginação e recusa dos limites. Mas todo voo precisa de algum chão para onde voltar.

Peter franziu a testa.

— Eu não preciso de chão.

Wendy respondeu baixinho:

— Talvez precise, mas tenha medo de pousar.

Naquele instante, um silêncio atravessou a clareira.

O congresso havia começado a fazer o que congressos verdadeiros fazem quando são bons: não apenas ensinar conceitos, mas iluminar perguntas.

E a Terra do Nunca, que parecia feita apenas de aventuras, começou a revelar suas camadas invisíveis: era também um território de vínculos interrompidos,

amadurecimentos suspensos e infâncias tentando encontrar nome para suas feridas.

Capítulo 3 — Peter Pan e o Menino que Não Queria Pousar

O terceiro capítulo do congresso foi dedicado a Peter Pan.

Ele não gostou.

— Não sou tema de palestra — disse, girando no ar. — Sou tema de lenda.

A doutora Aurora não discutiu. Apenas colocou no centro do auditório uma cadeira vazia.

— Então não se sente. Apenas voe por perto.

Peter aceitou. Voar por perto ainda parecia liberdade.

A palestra chamava-se: **“Peter Pan: imaginação, recusa do crescimento e defesa contra a perda.”**

As Crianças Perdidas arregalaram os olhos. Wendy juntou as mãos no colo. Gancho, escondido atrás de uma palmeira, inclinou levemente a cabeça. Parecia interessado demais para alguém que fingia desprezo.

Aurora começou:

— Peter representa a criança que preserva intensamente o brincar, a coragem e a espontaneidade. Ele é símbolo da imaginação viva. Sua mente transforma perigo em jogo, solidão em aventura, medo em desafio.

Peter sorriu, satisfeito.

— Até aqui, excelente congresso.

— Mas — continuou Aurora — toda força pode esconder uma fragilidade.

Peter parou no ar.

— A recusa absoluta de crescer pode ser compreendida como uma defesa. Crescer significa ganhar autonomia, mas também significa reconhecer perdas. Significa aceitar o tempo, a separação, a responsabilidade e a finitude.

As palavras caíram como pedrinhas num lago.

Peter deu uma volta rápida no auditório.

— Finitude é palavra proibida.

— Justamente por isso ela manda tanto em você — disse Wendy, sem dureza.

A doutora explicou que algumas crianças, quando enfrentam ausências, rupturas ou medos grandes demais, podem se apegar a formas de controle. No caso de Peter, o controle aparecia como negação do crescimento. Ele comandava aventuras, liderava grupos, desafiava adultos, mas fugia de qualquer experiência que exigisse permanência emocional.

— Peter sabe começar histórias — disse Aurora. — Mas tem dificuldade em permanecer nelas quando surge intimidade.

Wendy sentiu um aperto no peito. Ela sabia.

Peter podia rir, lutar, salvar, provocar e encantar. Mas, quando alguém pedia presença constante, ele escapava como luz entre os dedos.

A análise psicológica de Peter não era um diagnóstico fechado. Era uma leitura simbólica. Ele podia ser visto como uma criança com traços de impulsividade, busca intensa por novidade, baixa tolerância à frustração e resistência à elaboração de perdas. Sua força estava na criatividade, na liderança e no entusiasmo. Sua vulnerabilidade estava na dificuldade de sustentar vínculos quando eles exigiam cuidado mútuo.

— Então sou defeituoso? — perguntou ele, tentando parecer indiferente.

Aurora respondeu com firmeza:

— Não. Você é uma criança tentando proteger algo dentro de si.

As Crianças Perdidas ficaram quietas. Era raro alguém falar com Peter sem obedecer, brigar ou admirar. A doutora fazia outra coisa: compreendia.

Wendy então se levantou.

— Peter ensina as crianças a voarem. Mas talvez precise que alguém lhe ensine que pousar não é morrer.

O menino olhou para ela. Por um segundo, pareceu menor. Não menos brilhante, apenas mais verdadeiro.

Aurora encerrou a palestra dizendo:

— A criança que não quer crescer talvez não precise ser empurrada para a vida adulta. Talvez precise, primeiro, sentir que crescer não significa perder a magia. O desenvolvimento saudável não apaga a fantasia; ele dá à fantasia uma casa segura.

Peter não respondeu. Apenas subiu até uma nuvem baixa e ficou ali, olhando para o auditório.

Naquele dia, ninguém tentou fazê-lo descer.

Às vezes, a escuta começa quando paramos de puxar a criança para o chão e, primeiro, reconhecemos o motivo de ela ter aprendido a viver no alto.

Capítulo 4 — Wendy e a Criança que Conta Histórias para Não Desabar

O quarto dia pertenceu a Wendy.

Ela ficou surpresa.

— A mim? Mas eu estou bem. Eu ajudo.

A doutora Aurora sorriu com ternura.

— Justamente por isso precisamos conversar.

A palestra chamava-se: **“Wendy: cuidado, linguagem e adultização precoce.”**

Wendy sentou-se diante da plateia. Não parecia assustada, mas havia nela uma seriedade diferente das outras crianças. Enquanto Peter fugia do crescimento, Wendy às vezes parecia caminhar em direção a ele depressa demais.

Aurora começou explicando que algumas crianças desenvolvem habilidades de cuidado muito cedo. São observadoras, responsáveis, organizadas, capazes de acolher os outros. Muitas vezes são chamadas de maduras. Mas a maturidade infantil precisa ser olhada com cuidado, porque pode esconder uma infância sobrecarregada.

— Wendy possui uma função narrativa poderosa — disse a doutora. — Ela organiza o mundo pela palavra. Conta histórias, dá sentido aos acontecimentos, nomeia emoções, cria continuidade.

Uma Criança Perdida levantou a mão.

— É por isso que a gente dorme melhor quando ela conta histórias?

— Sim — respondeu Aurora. — A história funciona como continente emocional. Ela segura aquilo que ainda não cabe dentro da criança.

Wendy baixou os olhos.

Ela gostava de contar histórias. Gostava de cuidar, orientar, acalmar. Mas às vezes, bem no fundo, sentia vontade de que alguém lhe contasse uma história também. Uma história onde ela não precisasse ser sempre a responsável.

Aurora explicou o conceito de **adultização precoce**, quando a criança assume papéis emocionais ou práticos além de sua etapa de desenvolvimento. Não era culpa da criança. Muitas vezes era uma adaptação. Ela percebia a desordem ao redor e tentava criar segurança sendo útil.

— Wendy cuida porque ama — disse Aurora. — Mas também pode cuidar porque teme que, se não cuidar, tudo se desfaça.

Peter se remexeu no galho.

— Ela gosta de mandar.

Wendy olhou para ele.

— Talvez eu mande porque ninguém organiza nada.

As Crianças Perdidas riram, mas Aurora manteve a delicadeza da análise.

— Em Wendy, vemos empatia, capacidade simbólica, linguagem elaborada, sensibilidade moral e desejo de pertencimento. Porém, também vemos risco de renúncia à própria infância. Ela pode transformar o cuidado em identidade única e esquecer que também tem direito à brincadeira, ao erro e ao descanso.

Wendy respirou fundo. A frase parecia abrir uma janela dentro dela.

A doutora então pediu que cada criança dissesse algo que Wendy fazia por elas.

— Ela conta histórias.

— Ela lembra a hora de comer.

— Ela sabe quando a gente está triste.

— Ela faz a caverna parecer casa.

Wendy sorriu emocionada.

Depois Aurora perguntou:

— E o que vocês fazem por Wendy?

O silêncio apareceu.

Não era um silêncio de maldade. Era de descoberta.

As Crianças Perdidas nunca tinham pensado nisso.

Um menino pequeno se aproximou dela e colocou uma flor em sua mão.

— Eu posso escutar uma história sua. Uma história que você queira contar sobre você.

Wendy segurou a flor como se fosse um presente enorme.

A análise psicológica de Wendy revelou uma menina com forte competência verbal, imaginação estruturante e capacidade de mentalização — isto é, habilidade de perceber estados emocionais em si e nos outros. Mas também

mostrou que crianças cuidadoras precisam ser cuidadas. A empatia infantil não deve virar obrigação permanente.

No fim da palestra, Aurora disse:

— A criança que cuida não deve ser punida por sua generosidade, nem explorada por sua competência. Ela precisa ouvir: “Você ajuda muito, mas não precisa sustentar o mundo sozinha.”

Naquela noite, pela primeira vez, Wendy não contou a história antes de dormir.

Uma das Crianças Perdidas contou.

Era uma história atrapalhada, cheia de dragões que esqueciam o próprio nome e reis que usavam panelas como coroa.

Wendy riu até sentir sono.

E, enquanto adormecia, percebeu que descansar também podia ser uma forma de crescer.

Capítulo 5 — As Crianças Perdidas e a Clínica do Pertencimento

No quinto dia, ninguém subiu ao palco sozinho.

As Crianças Perdidas foram chamadas em grupo.

Elas chegaram fazendo barulho: uma tropeçou no tapete de musgo, outra carregava um tambor, outra usava uma pena como espada. Pareciam desorganizadas, mas havia uma lógica secreta no caos delas. Moviam-se como bando, protegendo-se pela bagunça.

A palestra chamava-se: **“As Crianças Perdidas: abandono, grupo, resiliência e busca de vínculo.”**

Aurora não começou com uma explicação. Começou com uma pergunta:

— Perdidas de quê?

As crianças se calaram.

O nome “Crianças Perdidas” parecia divertido quando dito em aventuras. Mas, dentro do congresso, ganhou peso. Perdidas de casa? De família? De rotina? De cuidado? De nome? De futuro?

Uma delas respondeu:

— Perdidas de alguém que viesse procurar.

A frase atravessou o auditório como flecha.

Aurora então explicou que a criança precisa de pertencimento. O desenvolvimento emocional não acontece no vazio. A criança organiza sua identidade a partir do olhar de alguém que a reconhece.

— Quando uma criança é vista de modo constante, ela aprende: “eu existo para alguém”. Quando é cuidada de modo previsível, aprende: “o mundo pode ser seguro”. Quando é escutada, aprende: “o que sinto tem importância.”

As Crianças Perdidas tinham aprendido muitas coisas: subir em árvores, fugir de piratas, improvisar refeições, transformar medo em piada. Mas algumas ainda não tinham aprendido o básico que toda criança deveria saber: que poderiam ser amadas sem precisar fazer graça, vencer batalhas ou seguir Peter em mais uma aventura.

Aurora falou sobre **apego**, explicando de forma simples:

— Apego é o laço que faz a criança buscar proteção quando sente medo. Não é fraqueza. É uma necessidade biológica e emocional.

Um menino perguntou:

— E quando não tem ninguém?

— A criança procura substitutos — respondeu Aurora. — Um grupo, um líder, uma fantasia, um objeto, uma história. A mente infantil é criativa para sobreviver.

O grupo das Crianças Perdidas funcionava como abrigo. Nele havia identificação, parceria e brincadeira. Mas também havia disputa, ciúme, medo de exclusão e dependência de Peter. Peter era líder, herói e símbolo de liberdade, mas nem sempre oferecia estabilidade emocional. Ele chamava para aventuras; nem sempre percebia quem precisava de colo.

A análise psicológica do grupo revelou crianças com grande capacidade de adaptação e resiliência, mas também com sinais simbólicos de carência afetiva: necessidade intensa de pertencimento, busca por figuras cuidadoras, medo de abandono e tendência a transformar vulnerabilidade em bravura.

— Resiliência não significa ausência de sofrimento — disse Aurora. — Significa que, apesar do sofrimento, a criança encontrou alguma forma de continuar crescendo.

Wendy perguntou:

— Mas elas crescem aqui?

Aurora olhou para o céu da Terra do Nunca.

— Crescem de outros modos. Nem todo crescimento aparece na altura. Às vezes aparece quando a criança consegue dizer: “senti medo”, “preciso de ajuda”, “não quero ficar sozinho”.

Foi então que uma das Crianças Perdidas fez algo inesperado. Tirou do bolso um pequeno botão quebrado.

— Eu guardo isso porque acho que era da minha casa.

Outra mostrou uma fita. Outra, uma pedrinha. Outra, nada — e o nada doía mais que todos os objetos.

O congresso inteiro percebeu que cada criança carregava um prontuário invisível. Não feito de exames, mas de memórias interrompidas.

Aurora encerrou:

— A intervenção mais importante para uma criança perdida é ajudá-la a ser encontrada. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente. Encontrada pelo olhar, pela escuta, pela rotina, pelo afeto e pela possibilidade de pertencer sem precisar se apagar.

Naquela tarde, as Crianças Perdidas construíram uma placa na entrada da clareira.

Nela escreveram:

“Aqui ninguém precisa se perder para ser procurado.”

Capítulo 6 — Capitão Gancho e o Adulto que Ainda Escuta o Relógio

O sexto dia trouxe inquietação.

O tema era o Capitão Gancho.

Ele apareceu sem ser convidado oficialmente, embora todos soubessem que viria. Entrou no auditório com passos duros, casaco impecável e olhar de tempestade. Atrás dele, o som distante de um tique-taque parecia segui-lo.

— Vim apenas impedir difamações — declarou.

Aurora apontou para uma cadeira.

— Sente-se, capitão.

— Capitães não se sentam diante de julgamentos.

— Não é julgamento. É compreensão.

Gancho hesitou. Depois sentou-se.

A palestra chamava-se: **“Capitão Gancho: narcisismo ferido, controle e medo do tempo.”**

As crianças ficaram em silêncio. Até Peter parecia atento.

Aurora começou com cautela:

— O Capitão Gancho representa a figura adulta marcada pela rigidez, pela vaidade defensiva e pelo ressentimento. Ele teme perder o controle. Teme ser ridicularizado. Teme o tempo. E, sobretudo, teme aquilo que Peter simboliza: uma infância livre, insolente e impossível de dominar.

Gancho apertou os lábios.

— Eu não temo crianças.

O tique-taque soou mais alto.

Aurora continuou:

— O relógio que o persegue pode ser entendido como símbolo da passagem do tempo. Para algumas pessoas, envelhecer não é apenas mudar de idade. É reencontrar tudo aquilo que não foi elaborado: perdas, humilhações, fracassos, feridas narcísicas.

Wendy observou o capitão. Pela primeira vez, ele pareceu menos vilão e mais prisioneiro de uma história antiga.

A doutora explicou que certos adultos, quando não conseguem integrar a própria infância, podem atacar a infância dos outros. Não suportam espontaneidade, bagunça, riso ou liberdade porque tudo isso ameaça a estrutura rígida que construíram para não sentir dor.

Gancho vivia tentando capturar Peter, mas talvez tentasse capturar algo mais: o menino que ele próprio havia perdido.

Peter riu nervoso.

— Eu sabia que ele queria ser eu.

— Não exatamente — disse Aurora. — Talvez ele queira destruir em você aquilo que não consegue recuperar em si mesmo.

O capitão baixou os olhos por um instante.

A análise psicológica de Gancho revelou traços simbólicos de controle excessivo, ferida narcísica, intolerância à frustração e medo da perda de poder. Sua agressividade podia ser lida como defesa contra sentimentos de vulnerabilidade.

Sua elegância exagerada, como armadura. Sua obsessão por Peter, como tentativa de dominar o que nele permanecia livre.

— Então sou apenas um adulto quebrado? — perguntou Gancho, com ironia.

— Não “apenas” — respondeu Aurora. — O adulto ferido ainda pode escolher não ferir.

Essa frase atingiu o capitão com mais força que qualquer espada.

O congresso não absolvía Gancho de suas crueldades. Compreender não significava justificar. Era possível reconhecer a dor de alguém e, ainda assim, responsabilizá-lo por aquilo que fazia com ela.

Wendy perguntou:

— O que uma criança precisa aprender com adultos como ele?

Aurora respondeu:

— Que nem todo adulto é seguro. Que autoridade sem cuidado vira ameaça. E que crescer não deve significar endurecer.

Gancho se levantou.

— Chega. Tenho um navio.

Mas não saiu imediatamente. Olhou para Peter. Depois para as Crianças Perdidas. Por fim, para o próprio gancho metálico.

O tique-taque continuava.

Naquela noite, no convés do navio, o capitão não gritou com ninguém. Apenas ficou olhando o mar escuro, como se o tempo tivesse deixado de ser inimigo por alguns minutos e se tornado pergunta.

Capítulo 7 — A Oficina das Emoções: Quando a Raiva Usa Chapéu de Pirata

No sétimo dia, o congresso deixou de ser palestra e virou oficina.

O tema era **regulação emocional**.

A clareira foi dividida em estações. Havia a Tenda da Raiva, o Lago do Medo, a Árvore da Tristeza, o Varal da Alegria e a Caverna da Vergonha. Cada criança deveria visitar os lugares e descobrir como suas emoções apareciam.

Peter foi direto para a Tenda da Raiva.

— Fácil. Raiva serve para lutar.

Aurora respondeu:

— Serve também para proteger algo que está doendo.

Peter fingiu não entender.

Na Tenda da Raiva, havia máscaras: pirata, dragão, trovão, leão, tempestade. Cada criança escolhia uma e dizia o que sua raiva queria defender.

Uma Criança Perdida colocou a máscara de leão.

— Minha raiva aparece quando acho que vão me deixar para trás.

Outra escolheu a de trovão.

— A minha vem quando ninguém me escuta.

Peter pegou a máscara de dragão.

— A minha aparece quando tentam me prender.

Wendy perguntou:

— E prender significa cuidar?

Peter ficou quieto.

Aurora explicou que as emoções das crianças são intensas porque os sistemas cerebrais ligados à reatividade emocional amadurecem antes das áreas responsáveis pelo controle inibitório e planejamento. Em linguagem da Terra do Nunca, isso queria dizer:

— O vulcão nasce antes do bombeiro.

As crianças adoraram a frase.

A oficina ensinou que sentir não é o problema. O problema é não saber o que fazer com o que se sente. A raiva pode virar palavra, desenho, corrida, pedido de ajuda. O medo pode virar busca por proteção. A tristeza pode virar choro acompanhado. A vergonha pode virar conversa segura.

No Lago do Medo, Gancho apareceu sem querer — ou fingindo que era sem querer. O lago refletia não o rosto, mas o medo de quem olhava.

Peter viu uma janela se fechando.

Wendy viu uma casa onde todos precisavam dela, mas ninguém perguntava se ela estava cansada.

As Crianças Perdidas viram portas, malas e silêncios.

Gancho viu um crocodilo com relógio, mas também viu um menino pequeno, de postura rígida, tentando não chorar.

Ele se afastou rapidamente.

— Espelho defeituoso.

Aurora não o confrontou. Algumas verdades precisam de tempo para não virarem fuga.

Na Árvore da Tristeza, Wendy pendurou uma fita azul.

— Às vezes sinto saudade de algo mesmo quando estou vivendo uma aventura.

Aurora explicou:

— A criança pode sentir emoções contraditórias. Pode amar uma experiência e, ainda assim, sentir falta de casa. Pode admirar Peter e se frustrar com ele. Pode cuidar dos outros e desejar ser cuidada.

As Crianças Perdidas começaram a pendurar objetos na árvore: penas, pedras, botões, folhas. A árvore ficou cheia de pequenas perdas.

Peter não pendurou nada.

Mas, quando todos foram embora, voltou escondido e amarrou no galho uma sombra.

A análise daquele dia mostrou que a Terra do Nunca era rica em fantasia, mas pobre em espaços de elaboração emocional. Havia muita aventura e pouca conversa sobre sentimentos. Muito movimento e pouco repouso. Muito riso e pouca permissão para chorar.

A oficina terminou com uma regra nova para a ilha:

Toda emoção pode entrar, mas nenhuma precisa mandar sozinha.

Naquela noite, quando uma das Crianças Perdidas teve medo, não fingiu coragem. Disse apenas:

— Meu vulcão acendeu.

E outra respondeu:

— Então vamos chamar o bombeiro juntos.

Capítulo 8 — Aprendizagem, Brincadeira e o Alfabeto das Estrelas

O oitavo dia foi dedicado à aprendizagem.

A Terra do Nunca nunca tivera escola comum. Não havia quadro-negro, campainha ou provas. Mas havia mapas, histórias, batalhas imaginárias, esconderijos, cantigas, construções e perguntas.

Aurora iniciou a conferência dizendo:

— A criança aprende antes de saber que está aprendendo.

Peter gostou.

— Então eu sou um excelente professor.

— Às vezes, sim — respondeu Aurora. — Você ensina coragem, improviso e imaginação. Mas aprender também exige repetição, atenção compartilhada e tolerância ao erro.

Peter fez careta.

— Erro é quando a aventura fica interessante.

Wendy sorriu.

— Também é quando a gente aprende.

A palestra chamava-se: **“O brincar como arquitetura do desenvolvimento.”**

Aurora explicou que brincar não é intervalo da aprendizagem. Brincar é uma das formas mais importantes de aprender. No brincar, a criança treina linguagem, coordenação motora, memória, negociação, empatia, planejamento e criatividade.

As Crianças Perdidas, que antes achavam o congresso sério demais, ficaram orgulhosas. Afinal, brincavam o tempo todo.

Mas Aurora fez uma observação:

— Brincar livre é essencial. Porém, a criança também precisa de experiências mediadas. Alguém que ajude a transformar brincadeira em linguagem, conflito em acordo, curiosidade em descoberta.

Wendy era naturalmente mediadora. Quando duas crianças brigavam por uma espada, ela perguntava: “Qual história vocês querem contar com essa espada?” Muitas vezes, a disputa diminuía porque a pergunta devolvia sentido ao objeto.

Peter, por outro lado, estimulava a ação. Ele fazia as crianças se moverem, arriscarem, inventarem soluções rápidas. Sua pedagogia era a do vento: potente, livre, mas pouco organizada.

Aurora propôs então uma aula no céu.

Cada criança deveria escolher uma estrela e dar a ela uma palavra. Surgiram palavras como “casa”, “medo”, “voo”, “amigo”, “barco”, “mãe”, “pirata”, “amanhã”.

Quando chegou a vez de Peter, ele escolheu a estrela mais alta.

— A minha palavra é “nunca”.

Wendy escolheu uma estrela próxima.

— A minha é “quando”.

As duas palavras ficaram brilhando lado a lado: nunca e quando.

Aurora explicou que ali havia uma grande diferença psicológica. Peter vivia no “nunca”: nunca crescer, nunca parar, nunca lembrar por muito tempo, nunca depender. Wendy vivia no “quando”: quando voltar, quando cuidar, quando entender, quando contar.

As Crianças Perdidas escolheram uma palavra coletiva: “junto”.

A aprendizagem, naquele congresso, não era apenas cognitiva. Era afetiva. Aprender a ler estrelas era também aprender a ler a si mesmo. Aprender a contar histórias era aprender a organizar memórias. Aprender a esperar a vez era aprender controle inibitório. Aprender a perder num jogo era ensaiar frustração. Aprender a pedir desculpas era desenvolver teoria da mente.

Gancho, observando de longe, murmurou:

— No meu tempo, criança aprendia obedecendo.

Aurora ouviu e respondeu:

— Obediência pode produzir silêncio. Aprendizagem verdadeira precisa de vínculo, curiosidade e sentido.

O capitão não retrucou.

Naquela tarde, a Terra do Nunca inaugurou sua primeira escola sem paredes. Chamava-se **Escola do Talvez**.

Porque talvez crescer não fosse abandonar a brincadeira.

Talvez estudar não fosse aprisionar a infância.

Talvez o aprender criança fosse exatamente isto: permitir que a ciência se aproximasse da fantasia sem quebrar suas asas.

Capítulo 9 — A Grande Mesa: Crescer Sem Perder a Magia

No nono dia, todos foram convidados para uma grande mesa redonda.

Não era redonda por acaso. A mesa não tinha cabeceira. Ninguém era mais importante que ninguém. Crianças, médicos, fadas, piratas arrependidos pela metade, árvores curiosas e estrelas intrometidas podiam participar.

O tema era delicado: **crescer**.

Peter quase não apareceu.

Quando chegou, sentou-se no limite da roda, pronto para fugir.

Aurora começou:

— Crescer não é trair a criança que fomos. Crescer é aprender a cuidar dela dentro de nós.

Wendy respirou fundo. As Crianças Perdidas se aproximaram. Gancho ficou de pé, mas não foi embora.

A doutora explicou que o desenvolvimento saudável não significa acelerar etapas. Criança não precisa virar adulto antes da hora. Também não precisa permanecer congelada numa infância idealizada. O desafio é permitir continuidade: brincar, aprender, frustrar-se, reparar, vincular-se, separar-se e seguir.

— Separar dói — disse uma Criança Perdida.

— Dói — respondeu Aurora. — Mas quando há vínculo seguro, a separação não destrói. Ela vira lembrança, confiança e possibilidade de reencontro.

Peter olhou para Wendy.

— E se alguém for embora?

Wendy respondeu:

— Quem foi importante não desaparece só porque saiu da sala.

Peter ficou sério. Essa era talvez a frase mais difícil que já ouvira.

A análise final de Peter mostrou que sua grande tarefa emocional era integrar liberdade e vínculo. Ele precisava descobrir que depender um pouco não era ser capturado; que lembrar não era perder; que crescer não era deixar de voar.

A análise de Wendy mostrou que sua tarefa era equilibrar cuidado e infância. Ela podia amar, organizar e narrar, mas sem abandonar o direito de ser cuidada, brincar e não saber.

As Crianças Perdidas precisavam transformar grupo em pertencimento seguro. Não apenas seguir um líder, mas reconhecer necessidades próprias, criar laços estáveis e descobrir que cada uma tinha valor antes mesmo da aventura começar.

Gancho precisava enfrentar o tempo sem transformá-lo em inimigo. Sua tarefa era responsabilizar-se por sua dor, em vez de convertê-la em controle e ameaça.

Aurora então propôs um exercício: cada personagem deveria completar a frase:

“Crescer talvez seja...”

Wendy disse:

— Crescer talvez seja continuar contando histórias, mas deixando que alguém conte algumas para mim.

Uma Criança Perdida disse:

— Crescer talvez seja saber para onde voltar.

Outra disse:

— Crescer talvez seja não precisar fazer graça para ser amado.

Gancho demorou.

— Crescer talvez seja parar de perseguir o menino que fui.

Todos ficaram quietos.

Peter foi o último.

Ele olhou para o céu, depois para o chão. Mexeu os pés como se a terra fosse uma novidade.

— Crescer talvez seja... pousar um pouco sem esquecer como se voa.

Wendy sorriu.

Não houve aplausos barulhentos. Apenas um silêncio bonito, desses que aparecem quando uma verdade encontra lugar.

Naquela noite, Peter não prometeu crescer. Ninguém pediu isso.

Mas ele ficou mais tempo ao redor da fogueira.

E, quando Wendy começou uma história, ele não fugiu na parte em que os personagens sentiam saudade.

Capítulo 10 — Os Anais Encantados do Aprender Criança

No último dia, o congresso precisava terminar.

A Terra do Nunca não gostava de despedidas. Por isso, o céu ficou cheio de nuvens em formato de reticências, como se dissesse: “continua...”

A doutora Aurora reuniu todos no auditório de folhas e conchas. Sobre a mesa azulada, colocou um grande livro em branco.

— Estes serão os Anais do Congresso Aprender Criança na Terra do Nunca — disse.

— Mas não escreveremos conclusões frias. Escreveremos princípios de cuidado.

As crianças se aproximaram.

A primeira página recebeu o título:

1. Toda criança é uma história em desenvolvimento.

Aurora explicou que nenhuma criança deve ser reduzida a comportamento isolado. A agitação, o silêncio, a agressividade, o medo, a fantasia excessiva ou a necessidade de controle podem ser sinais de algo que pede compreensão.

Na segunda página, Wendy escreveu:

2. Brincar é linguagem.

O brincar revela conflitos, desejos, vínculos, medos e formas de elaboração. Na Terra do Nunca, brincar era ponte entre o que a criança sentia e o que ainda não conseguia dizer.

Na terceira página, uma Criança Perdida escreveu com letras tortas:

3. Pertencer ajuda o cérebro a florescer.

Vínculos seguros favorecem regulação emocional, aprendizagem, autoestima e exploração do mundo. Criança segura se arrisca melhor porque sabe que existe retorno.

Na quarta página, Peter escreveu:

4. Imaginação também é saúde.

Todos olharam para ele com surpresa.

— O que foi? — perguntou. — Isso eu sei.

Aurora concordou. A imaginação permite simbolizar, criar alternativas, enfrentar medos e sustentar esperança. Mas a imaginação precisa dialogar com a realidade para não virar fuga permanente.

Na quinta página, Gancho escreveu lentamente:

5. A dor do adulto não deve comandar a infância da criança.

Foi talvez a frase mais importante que ele poderia deixar.

Aurora acrescentou: adultos precisam elaborar suas próprias feridas para não descarregá-las sobre as crianças. Autoridade deve proteger, não humilhar. Limite deve orientar, não esmagar.

Na sexta página, Wendy escreveu:

6. Crianças cuidadoras também precisam de cuidado.

Na sétima, as Crianças Perdidas escreveram juntas:

7. Nenhuma criança deveria se perder para ser encontrada.

Na oitava, Aurora escreveu:

8. Crescer é integrar, não apagar.

Integrar corpo, emoção, pensamento, memória, vínculo e imaginação. Integrar a criança que brinca com a criança que aprende. Integrar liberdade com responsabilidade. Integrar fantasia com realidade.

Quando o livro ficou pronto, suas páginas começaram a brilhar. Não era magia comum. Era a luz rara que aparece quando ciência e poesia param de disputar espaço e decidem cuidar juntas da infância.

Peter se aproximou de Wendy.

— Você vai embora?

Wendy olhou para ele com ternura.

— Um dia. Mas hoje ainda não.

— E quando for?

— Você poderá lembrar.

Peter fez uma expressão desconfiada.

— Lembrar dói.

— Às vezes. Mas também aquece.

Gancho, ao longe, ouviu aquilo e tocou discretamente o próprio peito, como se ali houvesse um relógio diferente do que o perseguia.

A doutora Aurora encerrou o congresso:

— O Aprender Criança não termina aqui. Ele continua em cada consultório, escola, casa, enfermaria, ambulatório e roda de histórias onde uma criança é vista por inteiro. Que nunca esqueçamos: antes de corrigir uma infância, precisamos compreendê-la. Antes de nomear um sintoma, precisamos escutar uma história. Antes de ensinar uma criança a crescer, precisamos garantir que ela tenha o direito de ser criança.

O auditório se desfez devagar. As cadeiras voltaram a ser troncos. As flores voltaram a conversar com abelhas. As estrelas recolheram o mapa do cérebro encantado.

Mas algo havia mudado.

Peter ainda voava, mas agora conhecia o valor de pousar.

Wendy ainda cuidava, mas agora aceitava ser cuidada.

As Crianças Perdidas ainda brincavam, mas agora sabiam que pertenciam.

Gancho ainda era capitão, mas o tique-taque já não parecia tão alto.

E a Terra do Nunca, que antes era apenas o lugar onde ninguém crescia, tornou-se também o lugar onde todos começaram a compreender que crescer não significa abandonar a magia.

Significa aprender a levá-la consigo.

Capítulo Final — A CRIANÇA É O PAI DO HOMEM

Quando o Congresso Aprender Criança terminou, ninguém teve coragem de desmontar completamente o auditório.

As cadeiras de tronco permaneceram na clareira. As flores-microfone continuaram abertas, como se ainda esperassem novas perguntas. O grande livro dos Anais Encantados ficou repousando sobre a pedra azulada, com suas páginas brilhando suavemente ao toque do vento.

A Terra do Nunca voltara a ser quase a mesma.

Quase.

Peter Pan ainda voava entre as árvores, mas agora, de vez em quando, pousava sem transformar isso em derrota. Wendy ainda contava histórias, mas também permitia que outras vozes embalassem seu sono. As Crianças Perdidas ainda corriam, inventavam

batalhas, construíam cabanas e desenhavam mapas impossíveis, mas agora sabiam que estar perdido não precisava ser destino. E o Capitão Gancho, embora continuasse usando casaco elegante e expressão severa, passara a escutar o tique-taque do relógio com menos ódio e mais espanto.

Talvez todos tivessem compreendido algo que não cabia em uma única palestra.

A criança não é apenas o começo do homem.

A criança é sua raiz.

É dela que brotam os medos, os gestos, os desejos, as defesas, as ternuras e até certas durezas que o adulto carrega sem saber de onde vieram. O adulto pode trocar de roupa, de profissão, de cidade e de voz. Pode aprender palavras difíceis, usar relógios caros, comandar navios ou presidir congressos. Mas, em alguma sala secreta da alma, continua existindo uma criança que pergunta:

“Estou seguro?”

“Sou amado?”

“Posso brincar?”

“Posso errar?”

“Alguém vai me procurar se eu me perder?”

Por isso, dizer que **a criança é o pai do homem** é reconhecer que a infância não fica para trás como um brinquedo esquecido no quintal. Ela funda o caminho. Ela desenha, com mãos pequenas, os primeiros mapas internos com os quais o adulto atravessará o mundo.

A criança que foi escutada tende a procurar diálogo.

A criança que foi humilhada pode crescer tentando nunca mais parecer frágil.

A criança que precisou cuidar cedo demais pode se tornar um adulto competente, mas cansado de sustentar tudo.

A criança que não pôde brincar pode passar a vida desconfiando da alegria.

A criança que encontrou vínculo, limite e afeto terá maiores chances de caminhar pela vida com uma casa dentro de si.

Foi por isso que o Congresso Aprender Criança não poderia ter acontecido em outro lugar.

Não seria suficiente realizá-lo em um salão de paredes brancas, com cadeiras alinhadas, projetores frios e horários rígidos. O congresso precisava acontecer na **Terra do Nunca**, justamente porque aquele era o território simbólico da infância suspensa, da

imaginação soberana, dos vínculos interrompidos, das dores disfarçadas de aventura e dos adultos que ainda brigavam com os próprios fantasmas infantis.

A Terra do Nunca era mais do que cenário.

Era diagnóstico poético.

Ali, Peter Pan representava a infância que resiste ao tempo. A criança que teme crescer porque crescer parece significar perder o encanto, a liberdade e talvez o amor. Ele mostrava que algumas recusas não são birras, mas escudos. Que, por trás do menino que não queria amadurecer, havia talvez o medo de que amadurecer fosse desaparecer.

Wendy simbolizava outra face da infância: a criança que compreende cedo demais. A menina que organiza, acolhe, narra e cuida. Ela revelava que nem toda criança ferida faz barulho. Algumas se tornam úteis. Algumas se tornam maduras. Algumas aprendem a cuidar dos outros antes mesmo de descobrir como pedir cuidado para si.

As Crianças Perdidas eram a metáfora viva do pertencimento. Elas lembravam que nenhuma função cognitiva floresce plenamente em solo de abandono. Atenção, memória, linguagem, aprendizagem e regulação emocional precisam de algo que os livros às vezes chamam de ambiente, mas que a criança chama simplesmente de casa, colo, presença ou alguém.

E o Capitão Gancho mostrava o outro extremo da frase.

Se a criança é o pai do homem, então todo homem carrega a criança que foi. Mesmo o adulto rígido, cruel, vaidoso ou controlador pode estar obedecendo a uma infância não compreendida. Gancho era a lembrança de que a dor infantil, quando não elaborada, pode virar raiva adulta. Que o medo pode vestir uniforme. Que a vergonha pode usar chapéu. Que a ferida pode empunhar espada.

Mas o congresso também ensinou uma esperança: aquilo que nasce na infância não está condenado a permanecer intacto e imutável. A criança funda o homem, mas o homem pode visitar a criança. Pode escutá-la. Pode acolhê-la. Pode interromper ciclos. Pode transformar defesa em consciência, repetição em cuidado, medo em palavra.

A ciência, naquele congresso, não entrou na Terra do Nunca para expulsar a fantasia.

Entrou para iluminá-la.

Os termos médicos não apagaram o brilho das fadas. As explicações neuropsicológicas não diminuíram a força das histórias. Ao contrário: mostraram que a fantasia infantil é uma linguagem sofisticada, cheia de símbolos, tentativas de cura, pedidos de vínculo e ensaios de futuro.

A criança brinca porque precisa criar mundos onde possa compreender o mundo.

A criança fantasia porque a realidade, às vezes, é grande demais para ser engolida inteira.

A criança repete histórias porque, ao repeti-las, tenta dominá-las.

A criança se apega a personagens porque encontra neles partes de si mesma.

A criança teme monstros porque ainda está aprendendo a nomear seus medos.

A criança deseja voar porque o chão, por vezes, parece duro demais.

Assim, a Terra do Nunca tornou-se o grande anfiteatro da infância humana. Não a infância idealizada, perfeita e sempre feliz, mas a infância verdadeira: criativa, contraditória, vulnerável, potente, assustada, luminosa e profundamente formadora.

O Congresso Aprender Criança ensinou que olhar para uma criança é olhar para o início de muitas histórias adultas.

Cada comportamento infantil é uma frase ainda incompleta.

Cada sintoma pode ser uma carta escrita em linguagem difícil.

Cada brincadeira pode ser uma tentativa de organizar o caos.

Cada silêncio pode guardar um pedido.

Cada gesto de agressividade pode esconder medo.

Cada excesso de obediência pode esconder renúncia.

Cada voo pode esconder o pavor de pousar.

Por isso, compreender a criança é uma das formas mais profundas de cuidar da humanidade.

Não há adulto que não tenha sido menino ou menina diante de algo maior que si. Não há médico, professor, pai, mãe, cuidador ou capitão que não carregue marcas de suas primeiras relações, de suas primeiras perdas, de suas primeiras histórias.

Quando cuidamos da infância, não estamos apenas tratando o presente.

Estamos prevenindo sofrimentos futuros.

Estamos oferecendo ao adulto de amanhã uma chance de existir com menos medo, menos rigidez, menos solidão e mais capacidade de amar.

Na última noite, todos se reuniram novamente ao redor da fogueira.

Peter estava sentado no chão.

Wendy percebeu, mas não comentou.

As Crianças Perdidas se encostavam umas nas outras, cansadas de tanto brincar. Gancho observava de longe, com o olhar ainda orgulhoso, mas menos armado. A doutora Aurora abriu o grande livro e escreveu a frase final dos Anais Encantados:

“A criança é o pai do homem porque todo adulto nasce, muitas vezes, daquilo que a infância conseguiu sonhar, suportar, perder, amar e transformar.”

Quando terminou, uma estrela caiu devagar sobre a página.

Não era uma estrela triste. Era uma estrela-ponto-final.

Peter olhou para ela e perguntou:

— Então o congresso acabou?

Aurora respondeu:

— O congresso terminou. Mas o aprender criança não acaba nunca.

Wendy sorriu.

— Porque toda vez que entendemos melhor uma criança, entendemos melhor o ser humano.

As Crianças Perdidas bateram palmas.

Gancho fingiu tossir para esconder alguma emoção.

E a Terra do Nunca, silenciosa por um instante, pareceu compreender seu próprio papel. Ela não era apenas o lugar onde as crianças não cresciam. Era o lugar onde os adultos podiam voltar, não para permanecerem presos ao passado, mas para reconhecerem a criança que ainda os habitava.

Porque crescer de verdade talvez seja isso:

não abandonar a criança interior numa ilha distante,

não deixar que ela governe sozinha o navio,

mas sentar-se ao lado dela,

escutar sua história,

tomá-la pela mão

e dizer:

“Agora eu cuido de você.”

E, quando essa promessa é feita, alguma coisa amadurece sem perder a magia.

A infância deixa de ser prisão.

A memória deixa de ser ameaça.

O futuro deixa de ser exílio.

E o homem, finalmente, reconhece seu primeiro mestre: a criança que ele foi.

VOCÊ PODE SE INTERESSAR POR ESSES LIVROS

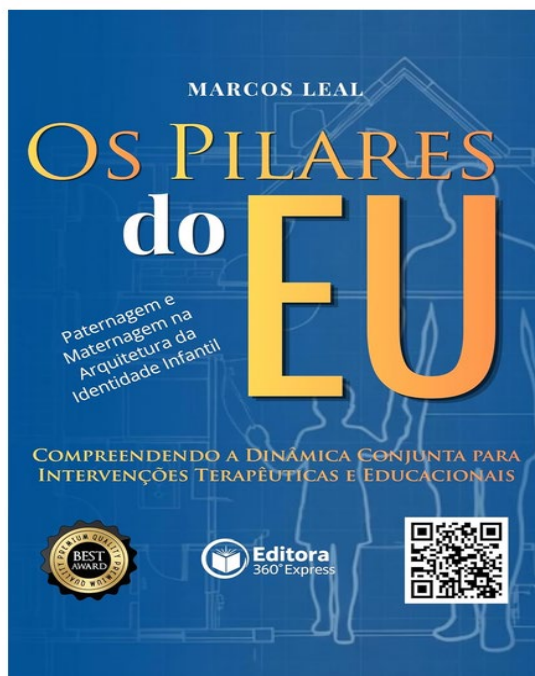
FALANDO DE PESSOAS DIFÍCEIS



Como são, como pensam,
como agem pessoas com transtorno
de personalidade narcisista

MARCOS LEAL

este livro está na Amazon e na Uiclap



<https://loja.uiclap.com/titulo/ua160305>

ESTE LIVRO ESTÁ À VENDA NO APRENDER CRIANÇA

